



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

VERONICA CARVALHO DE BRITO

Brasília- DF

2015

VERONICA CARVALHO DE BRITO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília- DF

2015

Trabalho final de curso de autoria de Veronica Carvalho de Brito, intitulado “*A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL*” apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em **02/12/2015** à banca examinadora abaixo assinalada:

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora  
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

---

Professor Dr<sup>o</sup> Paulo Sérgio de Andrade Bareicha - Examinador  
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Fátima Lucília Vidal Rodrigues - Examinadora  
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Dedico este trabalho aos meus pais, em especial à minha mãe. Sem ela eu não estaria aqui e não seria sua primeira filha formada em uma universidade pública.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus. Sem Ele eu não teria forças para permanecer nessa longa e árdua jornada. Sei que todo sacrifício valeu à pena.

A professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, que me orientou no início deste trabalho, mas que por motivos de saúde não pode estar comigo até o final. Estimo sua melhora e sei que um pouco do que sou devo a ela. Agradeço por tudo que fez por mim.

A minha família, que sempre me apoiou e sempre teve orgulho de mim. Nos momentos que pensei em desistir, pensava em como os deixaria orgulhosos na conclusão do meu curso. Em especial as três crianças da minha vida, meus sobrinhos, Nicoly, Ana Luíza e Raphael, na esperança que um dia eu possa ser um bom exemplo para eles.

Aos meus educadores, desde o início da vida escolar até a universidade, uns não tão bons, outros que merecem destaque em minha vida e que jamais esquecerei. A eterna e querida professora Helena, da 4ª série, e tantos outros professores de outras escolas e da universidade, e mesmo que não saibam, tiveram uma participação muito importante na minha formação.

Aos meus grandes amigos por me ouvirem, me socorrerem nos momentos que mais precisei, e por terem me ajudado de alguma forma na construção deste trabalho. Vocês são anjos na minha vida, amo vocês.

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*

**Paulo Freire**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
PARTE 1 – MEMORIAL EDUCATIVO.....	10
PARTE 2 – MONOGRAFIA.....	14
CAPÍTULO I – CONCEITO DE AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	15
1.1 A afetividade para Lev Vygotsky.....	15
1.2 Afetividade para Henri Wallon.....	16
1.2.1 Cognição.....	19
1.2.2 A Psicogênese da Pessoa Completa.....	20
1.3 A Relação Professor-Aluno na visão de Paulo Freire.....	21
CAPÍTULO II – LEIS NORTEADORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL.....	24
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES DE AFETO ENTRE PROFESSOR-ALUNO EM SALA DE AULA.....	29
3.1 Metodologia da pesquisa.....	29
3.2 Contexto e estruturação da escola.....	29
3.3 Sujeitos da pesquisa.....	30
3.4 Análise da pesquisa.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho reflete sobre a importância da afetividade na educação, em especial, na educação infantil. Os alunos dessa etapa de ensino são os que mais precisam do afeto do educador, pois é nesse primeiro momento de contato inicial com a escola que elas saem do ninho e do aconchego do lar para conhecer o mundo. É importante que o educador tenha a consciência da importância da afetividade na relação com seus alunos, para que a formação deles seja bem sucedida.

Está dividido em três partes. A primeira é o referencial teórico, abordando as teorias de Wallon, Vygotsky e Paulo Freire. O segundo capítulo trata do marco legal, que explana como a educação e a educação infantil é abordada em nossas leis, e uma terceira parte, que são os relatos de experiência em sala de aula, que reafirmam o que foi explanado na teoria, juntamente com o questionário aplicado a professoras da instituição pesquisada.

Tem como objetivo geral: Debater a importância da afetividade no ambiente escolar e na relação entre professor-aluno, para que este viva em harmonia no ambiente escolar e em sociedade. E como objetivos específicos observar as relações de afeto entre professor-aluno em sala de aula; Entender a importância dessa relação para a vida do aluno, na escola e na sociedade.

**PARTE I**  
**MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL EDUCATIVO

Entrei na pré-escola com 4 anos. Eu morava em Águas Lindas de Goiás, e minha escola era muito longe da minha casa, eu ia e voltava de van. Não lembro das minhas professoras, apenas me lembro da minha lancheira rosa, que adorava carregar para cima e para baixo. Lembro que tinha certa vergonha da idade avançada da minha mãe. Ela engravidou aos 41 anos, e sempre que ia a minha escola meus colegas perguntavam se ela era minha avó, o que eu sempre confirmava. O nome da escola é “Pintando o 7”, e minha mãe guardava o meu uniforme até pouco tempo atrás.

Fiquei nessa escola por dois anos, em seguida mudei para outra, de ensino fundamental mas próxima de casa, mas permaneci lá somente até a metade do ano, pois me mudei para o Recanto das Emas, cidade em que resido até os dias atuais. Acabei perdendo o ano, e retornei para a escola em 1999, um ano atrasada. Minha escola era próxima da minha residência, o Centro de Ensino Fundamental 405. Essa escola me marcou por muitos fatos: lá conheci o que é a violência, quando assassinaram um professor no pátio da escola. Passamos uma semana em luto. Também me lembro que uma colega havia levado uma faca para a sala de aula, e quando fui a direção denuncia-la, ela me ameaçou de morte. Lá também fui apresentada a negligência dos professores, quando uma colega pediu autorização para ir ao banheiro, na qual foi negada, ela urinou na roupa e foi ridicularizada por todos os colegas da sala.

Lembro vagamente da minha professora da 1ª série, seu nome era Rose. Não lembro das professoras da 2ª e 3ª séries, mas a da 4ª eu nunca esquecerei. Helena, e foi por ela que escolhi ser professora. Ela era doce, gentil, amável, uma verdadeira professora de novela. Nela me espelhava para brincar de escolinha. Eu tive a sorte de conviver num ambiente escolar, minha mãe foi copeira na escola da madrinha do meu irmão, então eu tinha contato com a biblioteca, com vários livros não utilizados mais pela escola, e com várias folhas de exercícios, daquelas com cheiro de álcool, rodadas em mimeógrafo. Reunia os vizinhos e montava minha própria escola, imitava a professora Helena, passava os exercícios para meus “alunos” e sempre corrigia, colocando um “parabéns” a lápis, para que pudesse

apagar e brincar de novo. Eu tinha um mini quadro a giz em que eu copiava os textos dos livros. Era uma festa.

Quando cheguei a 5ª série, senti muitas dificuldades. Logo de cara, uma mudança repentina, eu tinha vários professores ao invés de uma única professora. O conteúdo foi ficando mais difícil e não tive uma boa base para prosseguir bem para o ano seguinte. Tenho dificuldades em matemática até hoje por isso. Ao chegar na 6ª série, tudo piorou, senti dificuldades e meus pais não podiam me ajudar, pois tinham estudado somente até a 4ª série, e meus irmãos não tinham tempo para me ensinar nada. Me sentia mal por não ter o mesmo rendimento da turma, e não recebi ajuda de nenhum professor. Minha mãe percebeu meu desconforto e resolveu que me mudaria de escola. De início eu não queria, bati o pé muitas vezes, estava acostumada e não queria perder meus colegas, mas mesmo assim ela me retirou da escola.

Minha vida mudou radicalmente quando cheguei a 7ª série. Perdi o aconchego de estudar perto de casa e fui para uma escola no Plano Piloto, o Centro de Ensino Fundamental Caseb, localizado na W5 Sul, centro de Brasília. Sofri muito no início, acordava as 5 da manhã para pegar o ônibus e chegava muito cedo na escola, muitas vezes mais cedo que o porteiro. Mas agradeço imensamente a minha mãe por ter tomado a atitude de me matricular ali. Minha vida e meu rendimento escolar mudaram radicalmente. Consegui em pouco tempo me igualar a meus colegas, e a me destacar em quase todas as matérias. Mantenho contato com alguns professores dessa época, profissionais que marcaram profundamente a minha vida, e que respeito muito.

Permaneci no Caseb até a minha 8ª série, e quase ganhei uma bolsa de estudos para um colégio particular, que buscava alunos destaques para fazer o ensino médio na instituição. Não consegui a bolsa, mas não me arrependo. Cursei o ensino médio no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB), os melhores anos da minha vida. Levo todos que ali conheci sempre comigo, mantenho contato com todo mundo, inclusive com alguns professores. O colégio sempre nos incentivou a entrar na UnB, sempre tivemos simulados, feiras de profissões, palestras, fizemos uma visita à Universidade no período da Semana de Extensão de 2009, eramos

muito incentivados pelos professores. E ainda tive o privilégio de ter aulas de inglês no Centro interescolar de Linguas (CIL) de Brasília, uma escola de línguas gratuita para estudantes de escolas públicas. Ali fiz o curso de inglês até o nível intermediário, mas por uma série de acontecimentos eu abandonei.

Apesar de amar e de ter vontade de ser professora, pedagogia não foi minha primeira opção. Eu tinha o sonho de cursar direito, sempre achei maravilhoso estudar as leis, a Constituição, e queria atuar na área penal, mas não havia tirado nota suficiente no PAS para passar para esse curso. Estava desanimada quando uma grande amiga, Mykaelle, me disse que eu deveria tentar pedagogia, já que admirava muito a área, e já havia manifestado interesse pelo curso. Segui seu conselho, e com o apoio do meu ex-namorado, me inscrevi para pedagogia na 3ª fase do PAS (Programa de Avaliação Seriada)

Não passei e novamente veio a frustração. Me formei no ensino médio e passei 6 meses em casa no desespero, com medo de não conseguir entrar em nenhuma faculdade. Eu havia prestado o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas não tinha esperanças. Por fim, me inscrevi no PROUNI (Programa Universidade para Todos) para fazer pedagogia em uma faculdade privada. Para minha surpresa, passei. Iniciei os estudos nessa faculdade, e prestei vestibular do meio do ano para a UnB. Um mês depois de ter iniciado a faculdade, passei no vestibular e entrei para a Universidade de Brasília.

A UnB me encantou. Assim que entrei eu amava tudo, as aulas, os professores, o espaço sempre verde, com árvores, a grama, adorava os meus colegas de curso, estava certa de que tinha feito a melhor opção. Foi assim até o 3ª semestre. Mudei toda a minha visão, já não tinha mais paciência para as aulas maçantes, já não tinha mais nenhum contato com a maior parte dos meus colegas, não tinha tempo para aproveitar as sombras das árvores e nem o gramado, estava em dúvida se era isso mesmo que eu queria. Acredito que todo mundo passa por isso um dia, e minha “crise” veio cedo demais. Essa sensação piorou assim que comecei a estagiar.

Comecei a trabalhar em uma escola, no período integral. Eu e uma outra estagiária éramos responsáveis por uma turma de 2º ano, não tínhamos nenhuma experiência. Nossa supervisora nos colocou em sala sem nenhuma orientação, aprendemos tudo na prática. E foi assim que percebi que teoria e prática não andam juntas, e o que aprendia na faculdade muito pouco conseguia aplicar ali, em sala de aula. Não aguentei a pressão por muito tempo, quatro meses depois eu pedi para sair do estágio, apavorada, com medo de sala de aula, querendo desistir de tudo.

Dei uma nova chance ao curso e mudei a área de atuação. Fui trabalhar com educação a distância na ESAF (Escola de Administração Fazendária), vinculada ao Ministério da Fazenda. Eu comecei a descobrir que a pedagogia não era restrita a escola. Eu era tutora de cursos no moodle para servidores e não-servidores, e realmente tomei gosto por essa vertente. Tinha contato com os alunos, os supervisionava, auxiliava em suas dificuldades. Permaneci nesse trabalho por um ano, mas senti que tinha que voltar a trabalhar em uma escola, pela necessidade de experiência, e para tentar perder o trauma de sala de aula. Sai da ESAF e comecei meu estágio em outra escola, novamente no período integral.

Foi a melhor decisão que tomei. A experiência foi totalmente diferente da anterior. Não fui jogada em uma sala com uma turma só para mim, sem nenhuma instrução. Eu era auxiliar de uma professora, que me permitia ter controle da turma muitas vezes, sempre me ajudou, e de quem sou amiga até hoje. Fui feliz em todos os dias ali vividos, e redescobri a paixão por ensinar. Atualmente sou monitora em outra escola, que faz parte da mesma rede de colégios do meu emprego anterior. Trabalho com uma turma de maternal, com crianças de até um ano e meio a dois anos, que farão parte da minha observação para este trabalho. Posso dizer que trabalhar nesse colégio me fez apaixonar mais ainda pela profissão e não me imagino em outra área. Pensei no tema do meu trabalho ali, na convivência diária com educadores que transmitem afeto e amor pelo trabalho todos os dias.

Hoje já não penso em fazer outra coisa da vida, sei que tenho um objetivo, e esse objetivo é o de buscar ser uma profissional de qualidade e transformar a vida daquelas crianças que passarem pela minha sala de aula. Sei que nosso país tem uma carência de profissionais que realmente se dediquem com afinco a arte de

ensinar, e por isso quero buscar me profissionalizar e terminar esse curso com competência, e ser igual a professora Helena, que foi meu exemplo e minha inspiração.

## **PARTE II- MONOGRAFIA**

## CAPÍTULO I – CONCEITO DE AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Neste capítulo é abordada a definição de afetividade na visão de Vygotsky e Wallon e a importância dela para a criança na relação com a família e com a escola para Paulo Freire.

### 1.1A afetividade para Lev Vygotsky

Para Lev Vygotsky (1896-1934) o indivíduo nasce como ser biológico, mas à medida que é inserido na sociedade, se constitui como um ser sócio histórico. O ser humano nasce com *funções elementares*, de natureza biológica e ao longo de sua existência adquire *funções superiores*, que caracterizam os indivíduos.

Vygotsky discute o desenvolvimento psicológico das funções superiores na infância, como memória, pensamento, imaginação, vontade. Ele considera que a relação entre afetividade e inteligência era complementar, as emoções entendidas na esfera das funções mentais, na qual o pensamento faz parte. Considerava, assim como Jean Piaget, que as teorias que defendem o desenvolvimento psicológico da criança deveriam cogitar os momentos sociais e biológicos no desenvolvimento do pensamento. Vygotsky se posiciona referindo ao pensamento como controlado pelo princípio do prazer: “dito de outra forma, que na idade precoce a criança pensa seguindo os mesmos motivos que a impulsionaram a realizar qualquer outra atividade, ou seja, sua satisfação.” (VYGOTSKY, 1996, pp.60).

Quanto a afetividade, Vygotsky relacionou afeto e cognição. Para ele as emoções são integradas a mente e tem participação fundamental em sua configuração. Cada uma, ao ser predominante num certo estágio, serve de suporte para a outra, construindo um ambiente de integração e diferenciação. Ele buscou no desenvolvimento da linguagem elementos para compreender de onde surgiu o psiquismo. Afirma:

"A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos." ( VYGOTSKY, 1996).

As emoções passam do plano individual, antes biológico, para um plano constituído por sua cultura. Nesse transcurso se internalizam os significados e sentidos, adquiridos pela cultura e pelo indivíduo a partir das experiências vividas por ele, sendo importante o papel do outro como mediador entre sujeito e objetos culturais. Para ele “as emoções isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo.” (VYGOTSKY, 1998, p. 94).

Se compararmos as duas teorias, a de Henri Wallon e Vygotsky, lado a lado, percebemos algumas semelhanças em relação aos aspectos essenciais da afetividade: os dois admitem que há uma concepção desenvolvimentista sobre as emoções, antes orgânicas, e ganham complexidade conforme o sujeito é inserido em uma cultura, e com isso vão se ampliando. Eles também assumem que a afetividade e a inteligência são muito importantes para o processo de desenvolvimento humano.

## **1.2 Afetividade para Henri Wallon**

A afetividade é a capacidade do ser humano de ser influenciado positiva e negativamente por influências internas e externas e é muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento de um indivíduo. Todos nós somos afetados positiva e negativamente todos os dias e reagimos a esses impulsos.

A afetividade estudada por Jean Piaget (1896-1980) e por Lev Vigotski (1896-1934), mas foi Henri Wallon (1879-1962) quem mais contribuiu com estudos sobre a importância da afetividade. Ele defende que a vida psíquica da criança é formada por três aspectos, o motor, o afetivo e o cognitivo, que atuam de forma conjunta.

“Jamais pude dissociar o biológico e o social, não porque o creia redutíveis entre si, mas porque eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento até a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas.” (WALLON, 1951).

Para Wallon a afetividade é demonstrada de três formas: pela emoção, pelo sentimento e pela paixão. São sensações que se manifestam por toda a vida do sujeito e se desenvolvem a partir da infância, que vai do sincrético para o diferencial. A emoção seria a primeira manifestação da afetividade, pois ela não é controlada

pela razão, sendo uma expressão motora. Com ela se estabelecem os primeiros laços com o mundo. É instintiva e evolui conforme suas condições sociais. A emoção é a manifestação da afetividade mais visível e ganhou mais destaque nas obras de Wallon.

O sentimento tem um viés cognitivo. É quando o indivíduo já consegue se expressar oralmente sobre o que sente e o que lhe afeta, assim também como a paixão. São manifestações afetivas duradouras e surgem das relações com outras pessoas. Se manifestam na fase da puberdade, quando o indivíduo experimenta sensações diferentes. Em relação a angústia, Wallon não deixa claro se está relacionada a paixão ou a uma emoção, medo. Embora sentimento e paixão nasçam da relação com outro indivíduo, elas não se confundem entre si. A paixão não predomina em nenhum estágio. Ela se caracteriza por sentimentos de ciúme, exigências, exclusividade.

A afetividade é definida como um domínio funcional que se materializa de várias formas e que se se problematizam ao longo do desenvolvimento, surgindo de uma base orgânica até formarem relações dinâmicas com a cognição, como visto nos sentimentos. Constatando essa definição, a teoria de Wallon busca o orgânico na pessoa, e ao mesmo tempo mostra que o meio em que a pessoa está inserida vai transformando a afetividade orgânica e manifestações cada vez mais sociais.

Wallon (1951) concordava com Freud e com outros teóricos do desenvolvimento de sua época, em que o recém-nascido expressava sua afetividade por meio de suas experiências de bem-estar e mal-estar proporcionadas pela relação do seu organismo com o meio externo e interno. Ao longo do seu desenvolvimento a afetividade oscila com o conjunto cognitivo em um movimento centrípeto e centrífugo, incluindo o conjunto motor como base de expressão.

Com isso entende-se que a afetividade é um conjunto operacional que surge de forma orgânica e adquire uma esfera social na relação com o outro, e é um aspecto importante na formação da pessoa completa.

Wallon divide o desenvolvimento humano em cinco estágios: **impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial e puberdade e adolescência**. Em cada um desses estágios a afetividade tem um papel importante, seu funcionamento revela todos os elementos de constituição de uma pessoa.

- **Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano)** – a criança demonstra a afetividade por meio de movimentos descoordenados, de acordo com suas sensibilidades corporais: a sensibilidade dos músculos e das vísceras. A criança usa a afetividade para se expressar e se comunicar com as pessoas, que reagem a essas manifestações que o relacionam com o mundo. O movimento para si mesmo é o que predomina nesse estágio. É extremamente importante o contato da criança com seu cuidador.

- **Estágio sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos)** – nessa fase a criança já começa a falar e andar e se volta para o mundo externo, com o contato com outros objetos e perguntas constantes sobre o funcionamento das coisas. É preciso disposição para responder as constantes indagações das crianças nessa fase.

- **Estágio do personalismo (3 a 6 anos)** – é quando a criança se descobre diferente de outras crianças e dos adultos e desenvolve a sua personalidade. Ela aprende pela oposição ao outro. O indivíduo adulto é a principal referência para muitas respostas. É importante respeitar as diferenças que despontam nessa fase, chamar as crianças pelo seu nome, mostrar que ela tem importância em um grupo e dar oportunidade para que elas se expressem são aspectos valiosos. Conviver com crianças de outras faixas etárias e aceitação dos comportamentos de negação são bons recursos para o desenvolvimento delas.

- **Estágio categorial (6 a 11 anos)** – nessa fase a criança desperta o interesse sobre o conhecimento e a conquista do mundo exterior. Coincide com o início da vida escolar e a razão predomina. O conhecimento é adquirido através da descoberta das semelhanças e diferenças entre objetos, imagens, idéias. Precisa-se levar em consideração o que o aluno já sabe para que se favoreça a descoberta desse mundo e faz parte do seu processo de ensino-aprendizagem.

- **Estágio da puberdade e adolescência (11 anos em diante)** – o indivíduo busca autonomia na exploração de si mesmo por meio de confrontos, questionamentos, autoafirmação, confrontando os valores impostos pelos adultos com quem convive. Busca a resposta para vários questionamentos pessoais, morais e existenciais. O processo de ensino-aprendizagem nessa fase é permeado pela discussão das diferenças e pela oposição. O sentimento é mais marcante nessa última fase.

A afetividade se expressa em todos esses estágios de forma facilitadora e exige limites que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando bem-estar a todos envolvidos nesse processo.

Na fase adulta o sujeito se reconhece como ser. Ele se reconhece com segurança pois conhece sua personalidade, limitações, pontos fortes e fracos, sentimentos, valores, ou seja, ele sabe que pode fazer escolhas em todas as situações de sua vida. Desenvolve consciência moral e tem clareza de seus valores e das consequências de suas decisões. Essa consciência marca o fim da adolescência. A partir do momento que o adulto tem clareza de seus valores, ele passa a voltar-se para o outro, para acolhe-lo e até se desenvolver com ele.

### **1.2.1 Cognição**

Isabel Galvão, pedagoga e grande pesquisadora sobre a obra de Wallon, escreveu em seu livro “Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil” (1995), que o autor propunha um estudo integrado do desenvolvimento, que envolva os vários campos funcionais em que se encontra a atividade infantil (afetividade, motricidade, inteligência), ou seja, suas relações com o meio em que está inserida para que se elabore a psicogênese da pessoa completa.

Assim como a afetividade, a cognição é um elemento importante para o estudo da psicogênese da pessoa completa. Seu desenvolvimento também é baseado nas relações biológicas e suas interações com o meio:

O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social. (WALLON, 2008, p.117)

Para Wallon a cognição é orgânica e vai se complexando na relação dialética com o social. Em seu livro *A evolução psicológica da criança*, ele destaca o aprendizado da linguagem como fator essencial para o desenvolvimento da cognição. Segundo sua teoria o domínio funcional cognitivo fornece uma série de funções que permite “[...] identificar e definir [...] significações, classifica-las, dissocia-las, reuni-las, confrontar suas relações lógicas e experimentais, tentar

reconstruir por meio delas qual pode ser a estrutura das coisas” (WALLON, 2007, p.117).

Percebe-se que para Wallon as funções psicológicas superiores se desenvolvem por meio das dimensões motora e afetiva, e que se conflitam com a afetividade, devendo ao adulto a função de equilibra-las.

### **1.2.2 – A Psicogênese da Pessoa Completa**

É a forma pelo qual Wallon tenta explicar a origem e o desenvolvimento dos processos mentais, das funções e causas psíquicas que podem causar alteração de comportamento das pessoas. Para ele a formação da inteligência é genética e organicamente social. Essa definição inclui o ambiente social e os aspectos biológicos em que o sujeito está inserido. Supondo que o sujeito se constrói nas interações com o meio, Wallon propõe o estudo das condutas infantis, ou seja, para entender a criança e seu comportamento é importante entender os aspectos de seu contexto social, familiar, cultural. É a relação entre esses aspectos e suas possibilidades em cada fase/estágio que possibilitarão seu desenvolvimento.

“(…) Pelo contrário, para quem não separa arbitrariamente comportamento e as condições de existência próprias a cada época do desenvolvimento, cada fase constitui, entre as possibilidades da criança e o meio, um sistema de relações que os faz especificarem-se reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. É composto por tudo aquilo que possibilita os procedimentos de que dispõe a criança para obter a satisfação das suas necessidades. Mas por isso mesmo é o conjunto dos estímulos sobre os quais exerce e se regula a sua atividade. Cada etapa é ao mesmo tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento.” (WALLON, 1995)

Wallon propõe um estudo integrado envolvendo todas as esferas da atividade infantil e seus estágios de desenvolvimento, destacando os domínios afetivo, cognitivo e motor igualmente, mostrando seus vínculos.

A afetividade se encontra de forma impulsiva, emocional no primeiro estágio da psicogênese, que é incentivada pelo olhar e contato físico, e expressada por gestos, mímica e posturas. A afetividade do personalismo é incorporada de recursos intelectuais adquiridos ao longo do estágio sensório-motor e projetivo. É uma afetividade simbólica manifestada por palavras e ideias, e pode ser manifestada a distância, sendo dispensável a presença física das pessoas.

No estágio categorial a afetividade se torna mais racional, em que os jovens falam e argumentam sobre suas relações afetivas. É explicada pelo princípio da integração funcional. Surge dos primórdios do processo de maturação do sistema nervoso em que as funções mais evoluídas controlam as funções menos evoluídas. As funções elementares perdem sua soberania para que funções mais aptas assumam o controle. As funções psíquicas passam pelo mesmo processo das funções nervosas, suas novas capacidades não são supridas pelas capacidades anteriores, então elas se integram, as mais novas assumindo o controle sobre as mais antigas.

É importante desassociar os significados de emoção e afetividade, que são tratados como sinônimos. A afetividade é um conceito mais vasto que abrange várias manifestações. As emoções relacionam-se com alterações orgânicas, aceleração dos batimentos cardíacos, boca seca, etc., provocam alterações na face, na postura, nas formas gestuais, ou seja, são acompanhadas por alterações visíveis exteriormente, responsáveis por um caráter contagioso e mobilizador no meio humano. A afetividade é cercada de manifestações afetivas e sentimentais, muitas vezes não visíveis exteriormente, é independente dos fatores corporais. A fala e a representação mental são recursos importantes para que essas manifestações sejam expressas.

### **1.3A Relação Professor-Aluno na visão de Paulo Freire**

Para Paulo Freire a relação professor-aluno se constitui de um esquema horizontal de respeito e intercomunicação, em que o diálogo é muito importante para que aja uma aprendizagem significativa. Aqui será abordado o processo de interação professor-aluno, e para isso é importante entender o conceito de Interação:

Processo interpessoal pelo qual indivíduos em contato modificam temporariamente seus comportamentos uns em relação aos outros, por uma estimulação recíproca contínua. A interação social é o modo comportamental fundamental em grupo. (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, p. 439).

A escola tem papel fundamental nesse processo, pois é nela que acontecem situações que propiciam essa relação entre professor-aluno, e entre aluno-aluno, é nela que a criança se prepara para a convivência em sociedade, se

qualifica para o mercado de trabalho, e se apropria de conhecimentos importantes para a vida.

Paulo Freire acreditava na importância do diálogo, e o fator afetivo que conduz a esse diálogo, em que os educadores devem respeitar as crianças como indivíduos, e não apenas como receptores do conhecimento. As relações de afeto que o aluno cria entre os colegas e seus professores são muito importantes, pois a afetividade é a base de todas as relações de uma pessoa na vida. Se o aluno não conseguir construir essas relações de afeto ele não consegue se adaptar na escola e na sociedade. O educador deve trabalhar a afetividade juntamente com o conteúdo escolar.

Segundo Pimentel (1974), a afetividade direciona todas as nossas ações, e é o que mais influencia na formação do caráter. E é na escola que a criança busca reforçar os laços de afetividade, principalmente na educação infantil. No primeiro contato com aquele local, inicialmente estranho para ela, logo se cria laços de afeto com o educador, chamado de “tia” ou “tio” pelo aluno. Então devem ser considerados os aspectos cognitivos e afetivos da relação professor-aluno. Aquino explica a importância do fator afetivo:

Os laços afetivos que constituem a interação Professor-Aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação Professor-Aluno, isto é, os vínculos cotidianos. (AQUINO, 1996, p.50)

O diálogo é muito importante para a relação professor-aluno no fator psicológico, vinculando o cognitivo as suas ações. Segundo Piaget (1997, p.166) a criança fala para “realizar as operações que descrevem as ações cognitivas organizadas em um sistema”. O diálogo contribui para a aprendizagem do aluno, mas exige que o professor tenha bastante conhecimento da turma, pois para que ele aconteça é importante que o grupo esteja aberto a novas ideias e pensamentos, não reclusos apenas a seu ponto de vista. Para que ocorra com sucesso o educador tem que reconhecer que ele não é o detentor de todo o conhecimento, e que o aluno é capaz de agregar conhecimento.

Ainda sobre essa relação Professor-Aluno é importante refletir sobre a indisciplina, debatida superficialmente nas escolas. Aquino diz que a indisciplina é

um problema que deve ser solucionado entre professor e aluno no momento da prática educativa e do contrato pedagógico<sup>1</sup>. O educador deve ter habilidade para utilizar sua autoridade em sala de aula, pois a forma como ele demonstra seu poder pode ser decisiva na relação com o aluno. Deve existir uma relação entre o que se diz e o que se faz. Não se constrói autoridade impondo suas vontades, seus valores, cobrando obediência. Assim se obterá respeito por medo de possíveis punições. É preciso construir relações baseadas no respeito mútuo, assim o educador conseguirá construir uma autoridade por sua competência. Dessa maneira é construída uma boa relação pedagógica, melhorando o processo de ensino-aprendizagem.

Não é possível desenvolver uma relação de ensino-aprendizagem sem a interação entre professor-aluno. O educador precisa reconhecer seu papel nessa relação, estar atento a sua função, que é saber oferecer condições favoráveis para que seus alunos compreendam os conhecimentos acumulados e socialmente importantes, pois são esses conhecimentos que servirão para que o aluno se engaje socialmente, pense sobre si e sobre o mundo. O professor ainda precisa proporcionar ao seu aluno apoio moral, segurança e confiança, evitando fazer críticas negativas que apontem suas inseguranças e seu sentimento de incapacidade. Deve reconhecer sua importância para a vida do aluno e fazer com que a relação entre ambos seja de respeito mútuo. Dessa forma se constrói um ambiente escolar favorável e uma aprendizagem significativa.

Pode-se compreender que o processo educativo é totalmente interativo, realizado por meio das relações entre professor e aluno, e aluno e conhecimento, sendo o professor a figura que faz o intermédio entre essa última ligação, fazendo essa mediação e proporcionando aos alunos a apropriação do conhecimento.

Vygotsky, Wallon e Paulo Freire entendem o quanto a afetividade é importante no desenvolvimento social e cognitivo da criança, tanto nas interações familiares quanto na escola. No próximo capítulo veremos como a afetividade está

---

<sup>1</sup> É um acordo de trabalho pedagógico entre professor e aluno. Um combinado sobre as normas de convivência, estabelecido no primeiro dia de aula, após discussão entre a classe. É diferente do regimento escolar. Serve para que a convivência entre educador e alunos seja produtiva e feliz.

presente em nossa legislação, assim como os conceitos de educação e educação infantil.

## **CAPÍTULO II – LEIS NORTEADORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL**

É interessante entender como a afetividade está inserida dentro das nossas leis. É importante frisar que o termo afetividade não aparece com muita frequência nos marcos legais, os enunciados dispostos se baseiam em preceitos que são úteis para a formação do cidadão, no contexto social e pessoal. Segundo Tartuce (2006, p.3) “mesmo não constando a palavra *afeto* no Texto Maior como um direito fundamental, podemos dizer que o afeto decorre da valorização constante da dignidade humana”.

Podemos entender a importância da educação citando a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, em seu artigo XXV:

4. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
5. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

6. Os pais tem prioridade de direito na escolha do gênero da instrução que será ministrada a seus filhos. (ONU, DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Segundo a Constituição todos temos direito a uma educação pública e de qualidade, conscientizando as crianças sobre seus direitos e deveres.

A Constituição Federal de 1988 defende, em relação a educação e a educação infantil:

Art.205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208 – o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) as 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

(BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Segundo a Constituição, a criança é uma pessoa em desenvolvimento, sujeito de direitos, e que merece atendimento escolar desde pequena, sendo dever da família matricula-la numa instituição de ensino, mas que é dever do Estado fornecer essas escolas, com boas condições e de qualidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) acredita que as crianças e adolescentes tem direito a liberdade, igualdade, respeito e educação. De acordo com o artigo 3º da Lei 8.069/90 do ECA, percebemos que:

“A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que se trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.” (BRASIL, ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990).

Em seu Capítulo IV o ECA fala da educação, objetivando o desenvolvimento integral do aluno:

Art. 53 – A criança e o adolescente tem direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso à escola pública e gratuita próxima a sua residência.

Parágrafo único – É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 54 – É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.

Art. 55 – Os pais ou responsáveis tem a obrigação de matricular seus filhos na rede regular de ensino.

Art. 56 – Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I – maus-tratos envolvendo seus alunos;

II – reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III – elevados níveis de repetência.

Art. 58 – No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.(BRASIL, ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990).

A ECA deixa claro o papel da escola na sociedade e na vida do aluno, que deve se envolver caso ache estranho a ausência da criança na escola, bem como a obrigação de fornecer uma educação de qualidade, respeitando seus valores, crenças e seu contexto social.

É importante avaliar a Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares, para verificar como a afetividade está sendo trabalhada nos parâmetros legais da educação.

O artigo 22 e 29 da LDB 9394/96 diz que:

Art. 22 - A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 29 - A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, LEI DE DIRETRIZES E BASES, 1996).

A LDB diz claramente o papel da educação básica na vida do aluno, especificando a educação infantil, foco deste trabalho, como a etapa em que a criança desenvolve vários aspectos importantes para a vida em sociedade. Podemos entender a importância da Educação Infantil como porta de entrada na escola e como proporcionadora de princípios importantes para que a criança possa prosseguir nos anos seguintes.

Com a definição do que é a educação infantil, podemos entender como é feito o primeiro contato da criança com a escola, e que é preciso respeitá-lo e compreendê-lo dentro dos seus limites, suas possíveis dificuldades e suas reações para que a sua experiência seja a melhor possível.

Considerando o artigo 30º da seção II da LDB 9.394/96, a educação infantil deverá ser ofertada da seguinte maneira:

- I. Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II. Pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Segundo a LDB as creches e pré-escolas são estabelecimentos públicos ou privados que educam e cuidam das crianças de 0 a 5 anos de idade por meio de profissionais formados em Pedagogia. A LDB ainda estabelece princípios fundamentais para a organização do trabalho pedagógico nas escolas de educação infantil:

- a) Princípios éticos: valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
- b) Princípios políticos: dos direitos de cidadania, do exercício de criticidade e do respeito à ordem democrática.

c) Princípios estéticos: valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

As instituições de Educação Infantil devem garantir em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) espaços e tempos para que a família ou os responsáveis participem e dialoguem para que seja construída uma relação de respeito entre eles e os educadores.

É muito importante que as crianças tenham um espaço que possibilite seu desenvolvimento a longo e curto prazo, e que tenha oportunidades delas serem como elas são. Por isso a afetividade tem uma grande importância na Educação Infantil, pois é na escola a criança fortalece seus vínculos sociais e sua própria autoestima. É de suma importância que este tema seja trabalho na escola para que a criança se sinta inserida naquele contexto e acolhida, sendo capaz de seguir seus próprios passos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – 1998) “a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas”. Ela necessita de todo o cuidado e atenção possíveis e a escola deve proporcionar a ela um ambiente acolhedor e aconchegante para que ele se sinta inserida e acolhida naquele contexto. E o educador é parte fundamental desse processo, pois percebemos que a criança necessita do outro, ela precisa construir laços afetivos que possibilitem sucesso em seu processo de ensino-aprendizagem.

Assim sendo, no próximo capítulo será abordada a importância da construção desses laços afetivos na escola, na prática, servindo como complemento da parte teórica, apresentada até agora.

### **CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES DE AFETO ENTRE PROFESSOR-ALUNO EM SALA DE AULA**

Neste capítulo serão explanados relatos de experiência vividos pela pesquisadora em uma turma de maternal, em uma determinada escola localizada em Brasília – DF, durante todo o período letivo de 2015. A importância da afetividade na escola foi fortemente observada e muito importante para o desenvolvimento das crianças na escola.

#### **3.1 Metodologia da pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que se baseará nas observações e intervenções em sala de aula feitas pela pesquisadora. Segundo Gil (1999) trata-se de observação simples, que consiste na participação real do observador no local da pesquisa. No caso o observador assume, até certo ponto, o papel de um membro do grupo.

Esse tipo de observação é feita de duas formas: a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga, que é o caso da pesquisadora, e b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de investigar.

Como instrumentos foram utilizadas anotações das aulas observadas, e um questionário feito com duas professoras da referida instituição sobre a importância da afetividade no âmbito escolar.

### **3.2 Contexto e estruturação da escola**

A escola escolhida é uma instituição privada, localizada no Lago Sul (Brasília). É uma escola católica, que educa seguindo princípios cristãos, tendo um santo como fonte de inspiração. É um dos centros de referência de educação católica de Brasília, e no seu Projeto Político Pedagógico (PPP) tem como objetivo oferecer a seus alunos o desenvolvimento integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, espiritual e social, com a colaboração da família e da comunidade. É dirigida por freiras. A escola desenvolve atividades sociais que promovem a cidadania, a solidariedade e a ética no cuidado consigo, com o outro e com o mundo que nos rodeia.

É uma escola em que a maioria das crianças são de classe média, mas que fornece bolsas de estudo para quem não tem condições. A escola conta com um espaço grande e arejado, e os alunos sempre estão interagindo entre si e com outros educadores. É bastante acolhedora e afetiva.

### **3.3 Sujeitos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma turma de maternal, com crianças de 1 ano e meio a 2 anos de idade, no período de janeiro a novembro de 2015. A intenção era observar essa relação entre professor e aluno e quanto ela é significativa para ambos. Segundo a teoria de Wallon estão inseridas no Estágio sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos). Ao todo são 8 alunos. Três crianças possuem irmãos mais velhos que estudam na mesma instituição. As outras crianças são as mais novas da família. São crianças que não tem muito convívio com os pais, e sim com as babás, tios e avós, pois os pais passam o dia trabalhando. Não há nenhuma criança com deficiência na classe, e nem com nenhum outro tipo de diagnóstico.

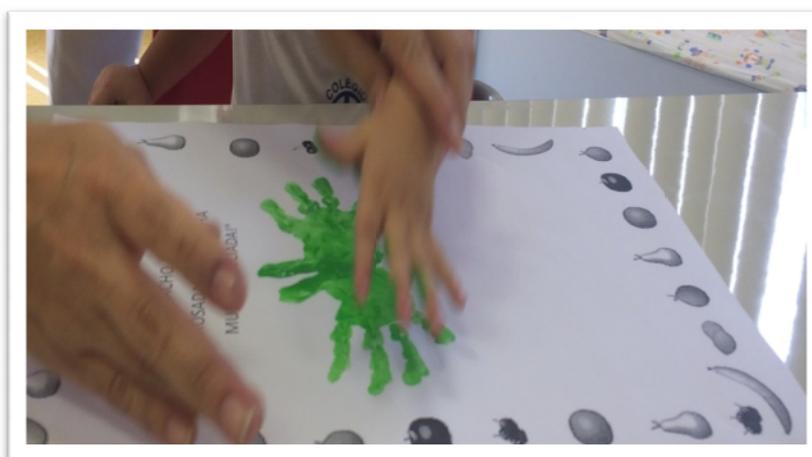
### **3.4 Análise da pesquisa**

A chegada a escola pode ser impactante para os alunos, o primeiro contato com um lugar novo, com pessoas desconhecidas e situações novas pode ser traumatizante para eles, então deve-se ter muita cautela. Na primeira semana de aula o colégio permite que os pais fiquem na sala com seus filhos, conhecendo a rotina que eles terão, criando contato com a professora e a auxiliar de classe, e estando presente na ambientação deles com o local.

É importante que a criança vá para a escola no primeiro dia de aula. Ali será estabelecido o contato com o professor que o acompanhará durante todo o ano letivo. Algumas crianças apresentaram resistência no primeiro contato, as outras já começaram a andar pela sala, mexer nos objetos e se estabelecer na rotina. Nós recebemos as crianças de forma acolhedora e carinhosa, estabelecendo assim uma relação de confiança entre professor e os alunos.

Para ser professora de educação infantil, principalmente de uma turma de maternal, é preciso ter afeto. Ali se observou a afetividade ligada intimamente a toda a rotina da turma, pois são crianças bem pequenas e dependentes da professora para praticamente tudo. O primeiro contato com a tinta, com os lápis de cor, a maneira como a professora ajuda o aluno a segurar o lápis e o ensina a sentar corretamente na cadeira, a afetividade está presente em cada gesto.

**Figura 1:** Professora auxiliando a criança a pintar com as mãos



**Fonte:** a autora.

Nesta primeira semana de adaptação também é criada uma relação de afeto entre o professor e a família, que passa a sentir confiança no educador a partir da maneira como observa que seu filho será tratado no ambiente escolar. Além de

se habituar conosco, as crianças foram apresentadas a professora e auxiliar de inglês, e ao professor de educação física, com quem tem aulas uma vez por semana.

Passada a primeira semana praticamente todas as crianças já estão acostumadas com o ambiente, mas choram pois os pais já não estão presentes na sala de aula. Alguns ainda ficam pelos corredores atentos aos choros dos filhos, mas a partir daquele momento é a professora que deve ter o controle da situação, oferecendo conforto aos alunos. E aos poucos a relação de confiança vai se estabelecendo, trabalhamos a confiança das crianças dizendo que *“em breve o papai voltará para busca-la, mas naquele momento você ficará conosco para aprender e brincar com os novos amigos”*.

Se inicia verdadeiramente a rotina. O horário de entrada é as 13:30, então a acolhida acontece até as 14h. Após isso nós sentamos na rodinha com as crianças e fazemos a ‘chamadinha”, que consiste em fichas com o nome e a foto de cada um, que são entregues para o aluno e ele deve colar sua ficha na parede. A chamadinha é uma ferramenta muito importante para que o aluno se reconheça por foto, e faz com que eles participem e interajam com a turma. Depois utilizamos o calendário e uma outra ferramenta que consiste em dizer como o tempo está (nublado, frio, ensolarado ou chuvoso), para que as crianças tenham a noção dos dias, meses e do clima.

Em seguida sentamos com as crianças para fazer as atividades do dia. Como somos duas, cada uma auxilia quatro crianças, aleatoriamente, em uma mesa. As atividades são diversas, pintura de mão, colagem, pintura com giz de cera, cola colorida, uma ou duas por dia. Atividades que estimulam a coordenação motora da criança. Nesse momento a professora auxilia a criança com carinho, pegando em sua mão e auxiliando-a a fazer a tarefa, até que ela consiga fazer sozinha. A criança percebe que ela é capaz de fazer, pois é estimulada pelas educadoras com frases de efeito: *“Você consegue Júlio, “Tente fazer sozinho agora, Leandro”, “Muito bem, Ana! Está lindo!”*. Aos poucos elas até relutam em receber ajuda pois estão mais seguras de si para fazer as atividades.

**Figura 2:** Atividade realizada em sala de aula



**Fonte:** a autora

Em seguida é a hora do lanche. Outro momento importante para a criança, que inicialmente não consegue abrir a própria lancheira. Nós a ajudamos, ensinamos como se abre o zíper e como se retira o lanche lá de dentro. Também trabalhamos as noções de higiene, ensinamos que o resto do lanche deve ser jogado no lixo, e também as noções de partilha. A criança geralmente chega individualista na escola, principalmente se for filha única. Com essa socialização elas aprendem a dividir o lanche com os colegas, a brincar em grupo, criando laços de amizade e afetividade entre elas.

Após o lanche é feita a primeira troca de fraldas. No início as crianças oferecem muita resistência por uma pessoa estranha estar ali, fazendo algo tão íntimo para elas. Então, com diálogo e afeto, a professora acalma o aluno para que não chore e conversa durante todo o processo de troca. As crianças ficam bem resistentes por um tempo, até criarem confiança nela.

Depois da troca geralmente nós levamos os alunos para o parque, para que brinquem e socializem com as crianças de outras turmas. É interessante observar que desde muito novas as crianças criam grupos de afinidade, elas brincam com quem elas se sentem mais a vontade. Crianças mais velhas brincam com as mais novas, meninos brincam com meninas sem distinção. Com a presença de professoras das outras turmas, as crianças já começam a se habituar e criar laços afetivos com o restante da equipe da escola e já criam laços afetivos com as professoras que estarão com eles durante os próximos anos.

As relações de afeto não são construídas tão facilmente. Uma das crianças, Laura ofereceu resistência ao lidar comigo, inicialmente. Ela não aceitava que eu a pegasse ou falasse com ela, chorava todas as vezes que eu tentava um

contato mais próximo, preferia realizar as atividades somente com a professora. A relação foi construída aos poucos, com muito diálogo, palavras de conforto, demonstração de confiança. Aos poucos a resistência foi se findando e Laura já aceitava fazer atividades comigo. Consegui criar uma relação afetiva com ela, com muita paciência. Ela percebeu que eu poderia ajuda-la também.

Foi-se observando, ao longo do tempo, como as crianças construíram uma relação de confiança com as professoras e demais funcionários da escola. Elas desenvolveram, em pouco tempo, habilidades e autonomia que crianças da mesma faixa etária, que estão fora da escola, não possuem. Elas já têm noção da rotina diária, dos momentos de lanche, do horário da brincadeira, organização da sala. Crianças que chegaram a escola sem falar estão soltando frases feitas. Alunos que chegaram usando fraldas já estão indo ao banheiro até mesmo sem pedir.

Quanto ao desfralde, foi outro momento em que a relação professor-aluno se demonstrou importante. É um momento que deve ter a colaboração da família também. A criança ainda não adquiriu o controle das necessidades fisiológicas, e suja suas roupas. A professora regente, a todo momento com palavras de incentivo, *“Vamos Leandro, você já é um rapaz e não precisa mais de fraldas”*, faz com que a criança tenha confiança de que é capaz de usar o banheiro. O ritual de dar *“tchau para o xixi”* faz com que a mesma desapegue, sinta que pode ter independência. Do total de oito crianças, até o momento quatro já não utilizam mais fralda e vão ao banheiro sozinha, e uma está no meio do processo. Com a ajuda da família, com incentivos e palavras de apoio, fica mais fácil para que a criança entenda que ela pode ter autonomia do próprio corpo, e ter mais confiança nela própria nessa fase importante de sua vida.

Quanto a organização do espaço, todas elas chegaram a escola sem a noção de ordem, pegavam os brinquedos e não sabiam colocar em seus lugares. A professora regente e eu trabalhamos a autonomia, explicando todos os dias a localização exata dos brinquedos, afirmando a importância de se guardar quando não estão mais utilizando. Com o passar do tempo as crianças não precisavam mais do comando para guardar os brinquedos, as mesmas colocam tudo no lugar correto.

Apesar de muito novos, os alunos possuem a noção da importância de colaborar com a aula. A professora seleciona o *“ajudante do dia”*, e essa criança fica responsável por ajuda-la durante toda a aula, seja pegando algum material, jogando

restos de material no lixo, auxiliando algum colega quando se machuca. Eles ficam felizes quando são selecionados pois se sentem pertencentes aquele lugar, sentem que tem uma importância naquele ambiente.

Durante a realização das atividades do dia, ao chegarem a escola as crianças não tinham noção de como segurar o giz de cera, muitas não tinham contato com tinta e cola, e ofereciam resistência ao manipular os materiais. Com paciência a professora, dotada de afeto, senta com cada criança e as auxilia na realização dos trabalhos. Algumas choram mas logo no contato inicial sentem prazer ao mexer com esses objetos. É preciso pegar na mão da criança para auxiliá-la de forma correta a manipular o lápis e a canetinha, até que ela tenha a segurança de fazer a atividade sozinha. As crianças sentem confiança nas educadoras, sentem que elas estão ali para ajudar, e é visível a ligação afetiva que se forma, através de olhares, abraços, palavras de incentivo. É visível a sensação de conforto das crianças na presença das professoras.

**Figura 3:** a criança já realiza as atividades sozinha



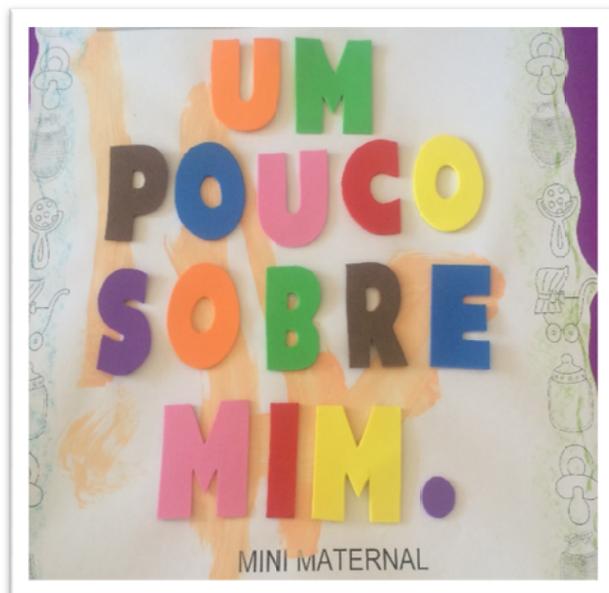
**Fonte:** a autora

O mesmo é observado em relação as famílias. A cada dia que passa os pais estão acostumados com as professoras e se sentem felizes com o trabalho realizado. Notam que as crianças são autônomas. É importante saber que esse é um trabalho que deve ser realizado conjuntamente, reforçado em casa. Mas, como dito anteriormente, quase todas as crianças só mantem contato com seus pais no período da noite, e muitas vão para casa e dormem cedo, sem ver a mãe ou o pai. O contato afetivo que tem em casa são com as babás e outros familiares. É uma realidade em que os pais trabalham muito, e não conseguem estar presentes em todos os momentos dos filhos. Então esses pais se apegam as professoras e

querem saber os detalhes da rotina dos filhos, como estão se desenvolvendo, socializando entre si. Ai se estabelece a relação de confiança entre a família, que confia seus filhos a instituição de ensino, e a escola, mais precisamente aos educadores, que passam boa parte do tempo com seus filhos.

Fora as atividades normais são trabalhados vários projetos com as crianças, como o “Projeto Identidade”, em que a criança é apresentada ao espaço da escola, aos colegas, a ela mesma e as educadoras. Esse projeto foi realizado no início do ano, com a finalidade de socialização entre eles.

**Figura 4:** Capa do “Projeto Identidade”



**Fonte:** a autora

Outros projetos importantes como o das “profissões”, da importância de uma boa alimentação, de higiene, projetos musicais, foram trabalhados com as crianças, com o objetivo de prepara-las para o mundo fora dos muros do colégio e das paredes de suas casas.

Durante todo o ano letivo as crianças participaram de atividades que envolveram toda a escola, em que tiveram que se apresentar para todas as turmas. Festa Junina, apresentações dos dias dos pais e das mães, e até uma Feira Cultural foi organizada, com o intuito de aproximar as famílias da escola. As crianças se mostram bem confiantes ao se apresentar e dançar na frente de outras pessoas.

É importante reforçar que o trabalho desenvolvido sem a afetividade não seria possível. Para ser um bom professor, especialmente na área da educação infantil é necessário ter afeto e amor, ou nada funciona. Conquistar a confiança do aluno, trabalhar a sua autonomia, mostrar a ela que é importante no ambiente em que está inserida e no mundo não seria possível sem uma boa relação entre professor-aluno. E para que essa relação exista é preciso que ambas as partes cedam e estejam dispostas a manter a relação. O professor deve reconhecer que o aluno, mesmo bebê, pode proporcionar conhecimento, de acordo com as experiências vividas por ele, e o educador também deve levar para o ambiente escolar, com humildade, experiências e elementos que possam enriquecer a convivência diária. Tudo isso com a ajuda da família e da própria escola. Tudo com afeto e muito amor. São chaves para o sucesso de cada aluno.

Concluo dizendo que o professor tem consciência da importância da afetividade em sua relação com seus alunos, e na relação com o todo. O afetivo é crucial para o desenvolvimento da criança, ela deve ser incentivada a vivenciar o mundo. Independente do tempo de carreira de cada uma, as profissionais sabem que sem a afetividade é impossível realizar um trabalho de qualidade e que seja marcante na vida de cada aluno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo Wallon (1985), a afetividade tem sua importância na formação do cidadão. Somos afetados todos os dias positiva e negativamente por influências internas e externas.

Percebe-se sua importância no desenvolvimento das crianças, especialmente na Educação Infantil, em que elas fazem o primeiro contato com o mundo exterior. É algo novo para elas, o primeiro contato com alguém diferente do seu ciclo habitual, no caso, o professor.

É necessário que o educador perceba a importância desse primeiro contato, ali se estabelece um laço, que se fortalece ao longo dos dias, possibilitando a criação da relação entre professor-aluno. Em que o aluno deposita sua confiança no educador, e este deposita expectativas em relação a criança. O professor não pode se considerar o detentor de todo o saber, mas ter a consciência que cada aluno pode contribuir, de alguma forma com cada aula. Ter amor, paciência, carisma e afeto é a chave para o sucesso daquele aluno.

Pude comprovar, por meio das observações a real importância da afetividade para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças, em especial a turma de maternal observada. Acompanhei durante quase um ano o desenvolvimento de cada criança, e a boa relação criada com a professora e a

auxiliar de classe. Uma relação de confiança e entrega, pois a entrega deveria ser um pré-requisito para o professor, em especial da Educação Infantil. Se entregar de corpo e alma ao trabalho, dando seu melhor e mostrando aos alunos que eles são capazes de andar com as próprias pernas, desde que o educador tenha conseguido guia-las por uma parte do caminho.

Valores como confiança e auto-estima foram trabalhados com sucesso durante todo o tempo observado, e isso se refletiu nas crianças e em suas famílias. A escola observada também ofereceu condições para que isso fosse possível. Um dos valores da instituição é justamente educar com amor e por amor. E criaram-se laços de amizade e afetividade entre a turma, que desde pequenos aprendem o real valor do trabalho em equipe, da parceria e da solidariedade.

O objetivo geral e os específicos foram concluídos e superaram as expectativas da pesquisadora. As professoras entendem a importância da afetividade na vida de cada criança, se percebe isso em cada atitude, e na forma como trabalham no dia a dia, valorizando cada gesto, por menor que seja, de cada aluno, estabelecendo um diálogo frequente com eles, tão importante para Paulo Freire. Prática e teoria andaram juntas por todo o trabalho, uma complementando a outra. Por mais que o educador saiba da importância da afetividade, é preciso entender como ela surgiu e o pensamento de cada autor estudado, para que ela seja um aspecto mais valorizado na escola e na vida, pelo educador, pela família e pelo próprio aluno, num trabalho de parceria entre todos.

Mas o trabalho não para por aí, há muito mais a se fazer por cada criança, o ano letivo está findando e a professora seguinte precisa prosseguir com o trabalho iniciado pela primeira professora. Mais um ano iniciará, mais uma semana de adaptação virá e é importante que a afetividade continue presente por meio de todo o trajeto que foi mencionado neste trabalho. Uma criança recebida com amor, e inserida rapidamente no novo meio em que vive se adapta melhor e se torna um aluno e ser humano capaz de ter sucesso em sua trajetória de vida.

### **PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Pretendo, ao concluir minha graduação, continuartrabalhando em sala de aula, mas especificamente na educação infantil. Nada mais me fascina do que poder acompanhar de perto o desenvolvimento dos meus alunos, desde a aprendizagem das letras até a escrita das primeiras palavras. Farei especialização nessa área e em alfabetização e letramento também. Futuramente farei uma pós em Orientação Educacional e em Psicopedagogia. Acredito que um profissional da educação tem o dever de se profissionalizar cada vez mais, pois nossa área de trabalho tem novidades todos os dias. É preciso estar sempre disponível para qualquer tipo de situação.

Meu foco é a rede pública de ensino. Sei que é uma área que tem carência de profissionais qualificados e de uma educação de qualidade. Pretendo levar toda a bagagem de aprendizado que tive a oportunidade de adquirir na Faculdade de Educação pra dentro da escola, trabalhando de forma que consiga contemplar todos os possíveis graus de dificuldade dos meus alunos. Enquanto não conseguir continuarei trabalhando na rede privada, contribuindo da melhor forma possível para que meus alunos sejam boas pessoas, bons estudantes e que tenham sempre o gosto de estudar. E que possa ser o espelho deles algum dia.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Célia Milagre. **Afetividade e aprendizagem: Relação professor e aluno**. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/afetividade-e-aprendizagem-relacao-professor-e-aluno/35826/> > (Acesso em 23 de outubro de 2015)

AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In. J. R. G. AQUINO (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acessado em: 05/04/2014.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)> Acessado em 06/04/2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9.394 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acessado em 06/04/2014.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação fundamental **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998. (vol.1-3. Conhecimento de mundo).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da educação n.20 São Paulo jun. 2005

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1969.

PIMENTEL, Lago. **Noções de Psicologia**. São Paulo Ed. Melhoramento, 1974.

RAMOS, Freud. **Acordo Pedagógico**. Disponível em: <  
<https://freudexplicaquasetudo.wordpress.com/2012/07/22/acordo-pedagogico/> >  
(Acesso em 23 de outubro de 2015)

SALTINI, Claudio J. P. **Afetividade e inteligência**. 5.ed.- Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008. 152p. 23cm.

VASCONCELOS, Alexandra Alves de, et al. **A presença do diálogo na relação professor-aluno**. COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE. 5, 2005, Recife, 12 p.

VERNIZZI, Wendy Aparecida. **A importância da afetividade na relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem**. Disponível em: <  
<http://saic.anhanguera.com/index.php/pp/article/view/1205> > (Acesso em 23 de outubro de 2015)

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1985.

